



Mulheres ocupando e transformando os espaços de poder e decisão

Prof^a dr^a Marilda Lemos
marildaolemos@uol.com.br



MÓDULO I

GÊNERO, INTERSECCIONALIDADES, PODER E VIESES INSCONSCIENTES DAS DISCRIMINAÇÕES

Profª. Drª. Marilda de Oliveira Lemos
marildaolemos@uol.com.br




Sobre Gênero




Gênero (relações sociais de gênero)

O primeiro uso do termo gênero foi feito pelo psicólogo Robert Stoller (1968)

Gênero é a definição cultural de comportamento definido como apropriado aos sexos em dada sociedade, em determinada época. Gênero é um conjunto de papéis culturais. É uma fantasia, uma máscara, uma camisa de força com a qual homens e mulheres dançam sua dança desigual.




Sistema sexo-gênero é uma expressão muito útil, apresentada pela antropóloga Gayle Rubin, que encontrou ampla aceitação entre feministas. Refere-se ao sistema institucionalizado que distribui recursos, propriedade e privilégios a pessoas de acordo com papéis de gênero definidos culturalmente. Assim, o sexo determina que mulheres devem ter filhos, e o sistema sexo-gênero afirma que elas devem criar os filhos.



Scott (*in* Saffioti) sinaliza a importância do gênero como uma maneira primordial de significar relações de poder e a recorrência deste elemento, na tradição judaico-cristã e na islâmica, para também estruturar os modos de perceber e organizar, concreta e simbolicamente, toda a vida social.


Ela coloca o fenômeno do *poder* no centro da organização social de gênero.



Gênero é aqui entendido como muito mais vasto que o *patriarcado*, na medida em que neste as relações são hierarquizadas entre seres socialmente desiguais, enquanto gênero compreende também relações igualitárias.

Gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, as imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas.


Como pensar o masculino sem evocar o feminino?



O recurso ao termo gênero foi, sem dúvida, a recusa ao *essencialismo biológico*, a repulsa pela imutabilidade implícita em “*a anatomia é destino*”, assunto candente naquele momento histórico.




Sobre o poder



O poder pode ser democraticamente partilhado, gerando liberdade, como também exercido discricionariamente, criando desigualdades (...) duas modalidades essenciais de participação nessa trama de interações.

Na ordem patriarcal de gênero o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual (SAFFIOTI).



As mulheres, para serem cúmplices, dar consentimento às agressões, às subordinações e agressões masculinas, precisariam desfrutar de igual poder que os homens. Sendo detentoras de parcelas infinitamente menores de poder que os homens, as mulheres só podem ceder, não consentir (Mathieu, *in* Saffitoti)




Sobre interseccionalidades




O que é interseccionalidade?

Nos primeiros anos do século XXI, o termo “interseccionalidade” passou a ser amplamente adotado por acadêmicas e acadêmicos, militantes de políticas públicas, profissionais e ativistas em diversos locais.




A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente.



A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

O capital é interseccional. Ele sempre intersecciona os corpos que produzem trabalho. Logo, o acúmulo de riqueza está incorporado nas estruturas racializadas e engendradas que o aumentam.



Como ferramenta analítica, a interseccionalidade elucida seis ideias centrais:

A desigualdade social


As relações de poder interseccionais

O contexto social

A relacionalidade

A justiça social


A complexidade




“O que faz com que uma análise seja interseccional não é o uso que ela dá ao termo interseccionalidade nem o fato de estar situada numa genealogia familiar, nem de se valer de citações padrão”, nosso foco deve ser “o que a interseccionalidade *faz* e não o que a interseccionalidade *é*”.




Sobre vieses inconscientes



Vieses inconscientes são preconceitos implícitos ou pensamentos tendenciosos a respeito de uma ideia, grupo ou indivíduo, tendo como base os próprios julgamentos e formas de enxergar, devido a experiências passadas que permanecem; é um pressuposto, uma crença ou uma atitude aprendida que parte do subconsciente.




... nós, em algum momento, já manifestamos **vieses inconscientes** como resultado de um pensamento tendencioso ou uma opinião equivocada. Da mesma forma, não é raro pretermos A ou B **sem qualquer fundamentação**

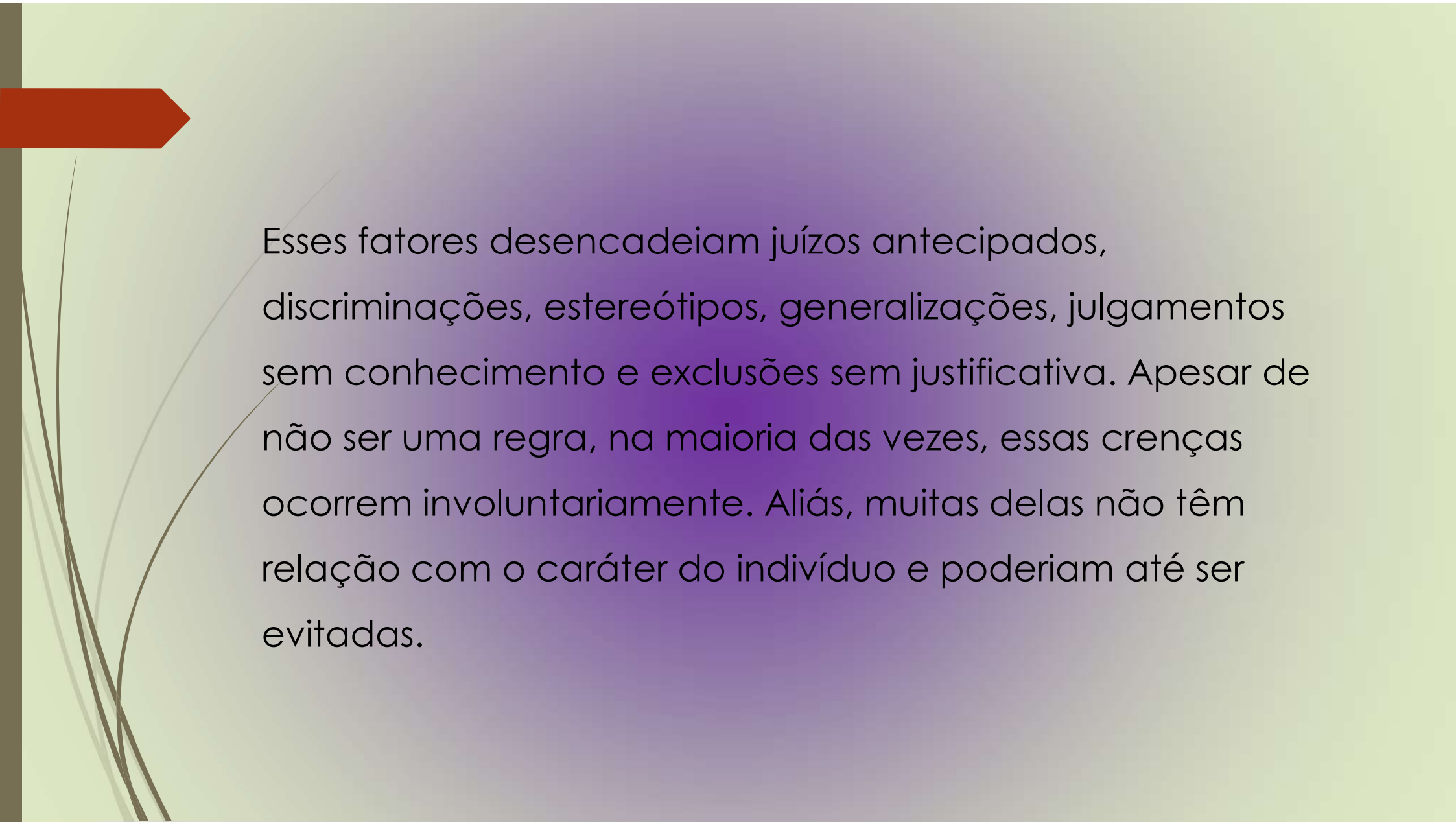


Na maioria das vezes, esses vieses são involuntárias e funcionam como mecanismos do cérebro humano. No entanto, o fato de serem instintivas não justifica sua propagação.

Sabemos que **juízos e generalizações** impactam as relações.



A Neurociência explica os vieses inconscientes como **mecanismos do cérebro** resultantes da organização da própria mente. Essa ordenação ocorre devido às experiências vividas, ambientes frequentados ou em consequência de nossas heranças ancestrais e/ou primitivas.




Esses fatores desencadeiam juízos antecipados, discriminações, estereótipos, generalizações, julgamentos sem conhecimento e exclusões sem justificativa. Apesar de não ser uma regra, na maioria das vezes, essas crenças ocorrem involuntariamente. Aliás, muitas delas não têm relação com o caráter do indivíduo e poderiam até ser evitadas.



Esses mecanismos podem ser desencadeados por características como:

- Gênero;
- Raça;
- Orientação sexual;
- Deficiência;
- Origem;
- Religião;
- Físicas (visíveis ou invisíveis)



Os tipos mais comuns de vieses inconsciente nas relações interpessoais.

Viés de afinidade

Viés de percepção ou aparência

Viés confirmatório

Efeito de halo/auréola

Efeito de grupo

Viés da maternidade

Video: Vieses Inconscientes – Campanha do Paraná

[1:30]

<https://www.youtube.com/watch?v=S2pX2diGMQY>



Video: Reveja seus conceitos [1:30]

https://www.youtube.com/watch?v=T_gwog8MvSM&t=

7s



Referências bibliográficas

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.


HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz E. O. *Preconceito: uma história*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

Vieses inconscientes. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Vieses_inconscientes_16_digital.pdf, acesso em 22.09.2024.



Obrigada!
Saúde e Paz
a todas, todos e todes.